
O Dia dos Namorados no Brasil, lançamentos de videoclipes sobre amor e a resistência negra¹

Anna Victória Barbosa²

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

RESUMO

Este artigo explora a música afrodiaspórica como forma de resistência cultural e expressão identitária, além de compreender sua capacidade de criar novas representações sociais acerca da negritude, reivindicar espaços de pertencimento e resistência, em contraponto ao que é proposto pela Teoria Crítica. A partir de exemplos como os videoclipes Balaio de Amor e Orishas, demonstra-se como essas produções subvertem as fórmulas tradicionais de mercantilização cultural. Além disso, examina-se o papel do Dia dos Namorados como um catalisador para a comercialização de narrativas românticas, com as representações afrocentradas do amor e da afro-religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE

Música; cultura pop; resistência; afeto; Escola de Frankfurt.

CORPO DO TEXTO

1. Introdução

O Dia dos Namorados no Brasil, celebrado em 12 de junho, foi criado em 1948 pelo publicitário João Dória para impulsionar o comércio e coincide com a véspera do dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Em 2023, as vendas do varejo nesta data comercial chegaram a R\$ 2,54 bilhões.

Este artigo analisa dois videoclipes lançados na semana do Dia dos Namorados, que destacam a negritude, a afro-religiosidade e o afeto: "Balaio de Amor" de BIA DOXUM e "Orishas" de Hodari e Luedji Luna. Há o objetivo de desconstruir a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

replicação das teorias de Adorno e Horkheimer sobre a reprodução cultural no Brasil e também examinar as brechas mercadológicas para artistas negros e negras, considerando a crescente intolerância religiosa no Brasil ao aplicar as perspectivas teóricas de bell hooks, Thiago Soares, Muniz Sodré e Rafael Queiroz.

2. Tensionando os conceitos

A análise da arte negra e periférica em relação à teoria de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural revela uma desconexão com a realidade afro-indígena brasileira. Adorno e Horkheimer argumentam que a cultura de massas universaliza experiências, promovendo uma falsa identidade coletiva que elimina a resistência. Entretanto, essa perspectiva ignora as lutas históricas e a resistência contínua das populações negras e indígenas contra a opressão.

Autores como Cida Bento e Muniz Sodré destacam como o capitalismo racial e a branquitude moldaram a cultura e a sociedade, o que torna inadequada a aplicação universal dessas teorias à realidade do Sul Global e, especialmente, a população afro-indígena. bell hooks e outros estudiosos dos Estudos Culturais enfatizam a necessidade de abordagens que reconheçam as experiências específicas e a agência dos produtores de cultura, desafiando o paradigma dominante e promovendo uma compreensão mais inclusiva e crítica da cultura popular.

3. A música afrodiaspórica como resistência

As identidades negras, especialmente representadas através da música popular, têm sido continuamente renegociadas, defendidas e transformadas, articulando novos gêneros musicais e práticas sociais que reforçam a conexão do mundo Atlântico negro, como definido por Gilroy. A música, como elemento central da cultura expressiva negra, é fundamental para explicar a cultura afrodiaspórica e contemporânea, pois fornece bases morais, políticas e filosóficas.

O autor Rafael Queiroz destaca a importância de reconhecer a subjetividade e autonomia dos artistas negros e negras, cujas obras frequentemente abordam questões de precariedade, racismo, revalorização cultural e valorização a identidade negra. Através de exemplos como o samba brasileiro e a black music no Atlântico Negro,

vemos a complexidade e a variabilidade das experiências musicais negras, que são tanto locais quanto transnacionais.

Stuart Hall reforça a ideia de que a cultura popular negra, embora mercantilizada, permanece um espaço de contestação e expressão de experiências diversas, resistindo à homogeneização. No Brasil, a música vinculada à afro-religiosidade enfrenta outras camadas de desafios, como o racismo religioso, mas também possibilita a reconstrução de afrossentidos, como proposto por Sidnei Nogueira, reforçando a necessidade de uma perspectiva afrocentrada.

4. O *hype* do Dia dos Namorados e os videoclipes

A venda do amor romântico permeia diversos meios midiáticos, desde telenovelas até redes sociais, moldando muitas vezes nossa percepção sobre o amor. bell hooks, em "Tudo sobre o amor", aponta para a destrutividade dessa idealização romântica que nos faz acreditar que o amor é alcançado sem escolha. Este cenário se reflete no Dia dos Namorados, uma das datas comerciais mais lucrativas, onde o consumo não se restringe apenas ao varejo, mas também à indústria do entretenimento e da música.

Thiago Soares destaca a importância de reconhecer as brechas na mercantilização cultural, o que nos permite analisar produções midiáticas para além de uma perspectiva simplista de consumo passivo. O trabalho de artistas independentes como BIA DOXUM exemplificam essa resistência, ao subverterem as fórmulas tradicionais de mercantilização, especialmente em torno do Dia dos Namorados. Enquanto o videoclipe "Balaio de Amor" de BIA DOXUM celebra a afro-religiosidade e oferece uma narrativa de amor não convencional, "Orishas" de Hodari, produzido sob o selo *We4music* da Som Livre, demonstra uma estrutura de produção mais robusta, envolvendo grandes marcas. Ambas as obras desafiam estereótipos racistas e apresentam outras narrativas sobre os/as sujeitos, sendo esta uma potente forma de resistência cultural, mesmo em um contexto comercial.

Assim, estas produções audiovisuais evidenciam a complexidade do mercado cultural e a possibilidade de criar obras que celebram identidades marginalizadas e subvertem narrativas hegemônicas de amor.

5. Considerações finais

Ao examinar a interseção complexa entre música negra, resistência cultural e mercantilização da cultura, emerge uma contraposição à Teoria Crítica ao considerar o contexto das produções afrodiáspóricas.

Os videoclipes analisados neste artigo não apenas celebram a afro-religiosidade, a negritude e o amor entre pessoas negras, mas também desafiam ativamente as posições dominantes ao oferecerem narrativas que transcendem os estereótipos racistas convencionais. Ao abordar temas como afro-religiosidade, amor e identidade, essas obras revelam lacunas nas estruturas de poder da indústria cultural, mostrando que é possível criar obras engajadas, mesmo em uma data comercial como o Dia dos Namorados.

Esses videoclipes não devem ser vistos apenas como produtos de entretenimento, mas como expressões de resistência e afirmação cultural, destacando a afrocentricidade e contribuindo para a construção de uma narrativa de autoestima e autoamor da população negra.

No entanto, é crucial reconhecer os desafios enfrentados por artistas independentes, como a falta de recursos financeiros e estruturais, o que limita sua capacidade de alcance e distribuição. Portanto, as brechas nas estruturas de poder da indústria cultural devem ser não apenas identificadas, mas ativamente exploradas e amplificadas para permitir uma maior diversidade de vozes e perspectivas na esfera cultural mainstream.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; **HORKHEIMER**, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AZEVEDO, Amailton Magno. **Samba: um ritmo negro de resistência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Brasil, n. 70, p. 44–58, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/149632>. Acesso em: 15 maio. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.

GUMES, Nadja Vladi; LIMA, Tatiana Rodrigues. A performance decolonial de Rachel Reis no álbum Meu Esquema e a cena musical afrolatina de Salvador. Revista Vórtex, Curitiba, v.12, p. 1-30, abril, 2024. CC-BY.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: Novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 233 p.

hooks, bell. Cultura fora da lei. São Paulo: Editora Elefante, 2023. 420 p.

hooks, bell. Cinema vivido. São Paulo: Editora Elefante, 2023. 420 p.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder; SOARES, Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. Revista Galáxia, n. 15, p. 91-108, jun. 2008.

SOARES, Thiago. A construção imagética dos videoclipes: canção, gêneros e performance na análise de audiovisuais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2009.

SOARES, Thiago. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. Logos, [S. l.], v. 2, n. 24, 2014. DOI: 10.12957/logos.2014.14155. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14155>. Acesso em: 9 maio. 2024.

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 9–16, 2018. DOI: 10.29146/eco-pos.v21i3.22524. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22524. Acesso em: 14 mar. 2024.

STRAW, Will. Communities and scenes in popular music. In: GELDER, Ken e THORNTON, Sarah (org). The Subcultures Readers. Londres: Routledge, 1997. p.494-505.

TENÓRIO, Henrique. A cor da Anitta: observando o discurso da mestiçagem em performances midiáticas. In: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202220214862d73c8c1d44a.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2024.

QUEIROZ, Rafael Pinto Ferreira de. FOGO NOS RACISTAS!: Epistemologias negras para ler, ver e ouvir a música afrodiáspórica. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2020.